

# CITEMOR A FESTA DO TEATRO EM MONTEMOR-O-VELHO

PÁGINAS 23 A 25



JORNAL  
DE LETRAS,  
ARTES E  
IDEIAS

# JL

## ANA LUÍSA AMARAL

# 'SIM' À VIDA E À POESIA





# Emma Goldman

## A mulher mais perigosa da América

ANTÓNIO CÂNDIDO-FRANCO

Em 1886 uma jovem judia europeia de 16 anos, nascida numa província russa da Lituânia, que passara parte da infância numa região da Letónia onde se falava alemão e que começara a trabalhar numa fábrica de espartilhos de São Petersburgo aos 13 anos, chegou acompanhada da irmã mais velha ao porto de Nova Iorque. Daí seguiram para Rochester, pequena cidade tipicamente americana, onde tinham contactos na comunidade iídiche. Empregou-se numa fábrica de vestuário, a ganhar dois dólares e meio semanais, e ficou pasmada com as condições de trabalho - piores que na Rússia.

Estava proibida a mais pequena palavra durante o trabalho, feito no mais absoluto silêncio ao longo de 12 horas. Compreendeu então o significado da luta dos trabalhadores de Chicago contra a Harvester Company, exigindo oito horas de trabalho, que culminara no comício de Haymarket em 4-5-1886 e no massacre dos grevistas, após a confusa explosão duma bomba. Não sem comoção acompanhou à distância o processo dos oito anarquistas presos na sequência dos acontecimentos - vários deles haviam sido meros oradores no comício de Haymarket e os restantes eram apenas anarquistas com alguma notoriedade - e manifestou o seu desagrado com



Emma Goldman

os juízos deformados da imprensa.

Com revolta soube que o tribunal condenara à morte os oito homens que nada tinham a ver com a explosão da bomba. O procurador distrital não podia ter sido mais claro quando afirmou no tribunal que quem estava no banco dos réus não eram os presos, mas a "anarquia" e para essa não podia haver complacência. A 11-11-1887 quatro homens foram assim enforcados numa prisão de Chicago - o quinto suicidara-se no cárcere e três viram a pena comutada em prisão perpétua. Foram chamados os "mártires de Chicago" e em sua memória o 1.º de Maio tornou-se o dia internacional dos trabalhadores.

Entretanto, logo depois da sua chegada a Rochester, a jovem conheceu um rapaz judeu da sua idade, com quem casou. O casamento foi infeliz - o jovem era impotente, viciado no jogo e muito ciumento - e a rapariga não viu outra solução a não ser a separação e o divórcio, ao qual o marido acabou por aceder. Tinha 19 anos e saiu deste caso arrasada. Salvou-a a curiosidade que sentia pelo destino dos mártires de Haymarket. Que ideias tinham? Que ideal os movia?

A jovem desconhecia tudo sobre política. Tinha umas vagas ideias sobre liberdade, outras ainda mais leves sobre socialismo. Todas as suas leituras



ideias dos ativistas assassinados. Tinha acabado de fazer 20 anos e era uma jovem determinada e sem ambições. Chamava-se Emma Goldman. Frequentou o meio judeu radical de Nova Iorque, leu a literatura libertária europeia e americana, refletiu sobre os problemas sociais e morais e ainda nesse ano, no aniversário da morte dos homens de Chicago, fez a sua primeira palestra em Rochester.

Nessa altura sentiu que as palavras jorravam de dentro dela como água livre a brotar duma fonte fecunda. Arrebatada, dizia palavras desconhecidas, a que dava um ritmo ardente e cadenciado, compunha imagens inesperadas e comoventes e, o que era mais, acordava nos ouvintes um fascínio que se traduzia em sucessivos aplausos de apoio. Ao deitar-se nessa noite no quarto escuro do apartamento da irmã, em Rochester, chorou - não sabia se de alegria, se de estranheza de se ver na posse dum poder tão mágico. O seu destino estava doravante traçado.

**TORNOU-SE DE IMEDIATO UMA INSPIRADA** conferencista que os grupos radicais da costa leste dos Estados Unidos aproveitavam para sucessivas rondas de palestras, que podiam durar meses e atravessavam o país de costa a costa. Em cada uma delas repetia-se o milagre que se vivera em Rochester. No púlpito, Emma era uma pitonisa cheia de verve que prendia os ouvintes e os levava para onde queria. Falava das duras condições de vida dos operários, da necessidade duma organização sindical de classe, da criação duma organização social nova onde a miséria material não tivesse lugar. Mas falava também da condição da mulher, dos métodos contraceptivos, do divórcio, da prostituição, da homossexualidade e até de teatro, literatura, arte, filosofia e ateísmo.

Depressa a sua fama se espalhou, tornando-se figura controversa e discutida na imprensa nacional e uma das mais temidas da polícia, do governo, das igrejas e das entidades patronais. A sua capacidade de mobilização era invulgar. Pagava-se para ir ouvir Emma Goldman! Não tardou em ter problemas com a polícia e no seguimento dum atentado contra um magnata da siderurgia que maltratara os trabalhadores foi presa e passou um longo ano na penitenciária. Conheceu depois disso as grandes figuras do anarquismo internacional, esteve em Londres, Paris, Viena e Amsterdão, e continuou a percorrer de costa a costa os Estados Unidos para dar palestras, angariar fundos e entusiasmar homens e mulheres na luta pela emancipação. A fama da oradora não parava de crescer e foi nesta época que o seu nome de guerra se popularizou - Emma, a Vermelha.

Em 1906 abriu um escritório em Nova Iorque e iniciou a publicação duma revista, *Mother Earth*, que se editou até 1917, e a que se seguiu um *Mother Earth bulletin* que durou mais um ano. A chancela editou livros e

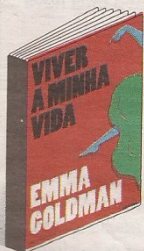
vidade social e da expressão artística. A revista contou assim com inúmeras colaborações de escritores e de artistas (Man Ray entre eles).

**COM O INÍCIO DA GRANDE GUERRA** e a intervenção dos Estados Unidos, Emma e o seu círculo empenharam-se numa campanha pacifista de desobediência civil de grandes dimensões, que a levou à deportação em 1919 para a Rússia Soviética, onde chegou a bordo dum barco com centenas de deportados. Esteve ao serviço da revolução, conheceu Lenine, mas depressa se desiludiu. Pugnara desde sempre por uma articulação entre os meios e os fins e nada a fazia acreditar que se pudesse construir o comunismo sobre a mais perfeita indiferença pelos direitos humanos.

Conheceu as prisões da Tcheca e teve de sair quase clandestina da Rússia. Sem documentos, encarada como uma testa de ferro soviética, foi saltando de país em país, dando palestras sobre a situação da Rússia e criando comissões de apoio aos presos políticos deste país. Aos 56 anos acabou por fazer um casamento branco em Inglaterra, que lhe permitiu algum sossego. Então numa casinha do Sul de França decidiu-se a escrever a sua vida, que seria publicada com o título *Living my Life* (1931).

Viveu ainda o sobressalto da revolução em Espanha, país a que deslocou por duas vezes, discursando em comícios e tornando-se representante internacional da CNT-FAI. Amargurada com a vitória franquista, mas sempre determinada, viajou para o Canadá para um novo ciclo de palestras sobre a tragédia espanhola. Acabou por sucumbir em 14-5-1940, sendo enterrada em Chicago, junto das campas dos anarquistas executados em 1887.

A autobiografia de Emma Goldman carreu todo um trabalho literário de reconstituição notável e merece ser hoje avaliada como um clássico no género. O livro tem sido reeditado inúmeras vezes nos Estados Unidos e em Inglaterra e tem tido edições várias em italiano, espanhol, alemão e francês. Chegou agora a vez do português com um acurado trabalho de tradução de Luís Leitão e um bom enquadramento editorial. Em mil páginas de texto detetámos apenas gralhas em três páginas (pp. 397, 769, 873). Trata-se dum acontecimento editorial que merece ser saudado na pessoa desse teimoso e singularíssimo editor que é Luís Oliveira. **JL**



► **Emma Goldman**  
**VIVER A MINHA VIDA**

Trad. e pref. Luís Leitão,  
Antígona, 1000 pp.,  
35 €



Eu, Metiroso BD de Antonio Altarriba, desenhos de Keko

# Espanha

BANDA DESENHADA

João Ramalho Santos

◀ Catedrático de literatura francesa na Universidade do País Basco, Antonio Altarriba (n. 1952) é um dos mais importantes argumentistas espanhóis, destacando-se os notáveis retratos da ascendência familiar na Guerra Civil Espanhola em *A arte de voar* (2009) e *A asa quebrada* (2016), ambos com desenho de Kim (Levoir). Já o registo gráfico de Keko em *A Trilogia do Eu* é apropriadamente mais duro, sombrio e gótico, num preto e branco angular e opressivo, onde sobressai como pontuação uma única cor. O primeiro volume, *Eu, assassino* (2014, Arte de Autor) era acentuado pela cor vermelha, *Eu, louco* (2018, Ala dos Livros) pela amarela, e a trilogia encerra com "Eu, mentiroso" (2020, Ala dos Livros), e a cor verde. As narrativas coexistam num mesmo universo, à semelhança dos mundos de super-heróis, e há personagens que se repetem, mas não faria diferença se não fosse o caso. Importante é o fixar de temas, como os conceitos de arte, saúde mental, fama, mas, sobretudo, poder. Aqui contam as mensagens, para as quais as histórias (embora interessantes) são mero pretexto, com fragilidades narrativas que se vão acumulando ao longo da trilogia. De facto, estas BD verdadeiramente fascinantes compõem um mordaz e cínico ajuste de contas de Altarriba. Com a academia, com a sociedade, com

Espanha, consigo mesmo (é difícil não ver no protagonista de "Eu, assassino" o próprio autor).

Se *Eu, assassino* (a mais conseguida das três) se foca na academia e "Eu, louco" na comercialização da (in)sanidade pela indústria farmacêutica (e no lamentável regime da Guiné Equatorial), a trilogia termina com um retrato detalhado da política espanhola recente, focando os meandros da troca de poder entre PP e PSOE. O que é mais curioso é que, se antes se intuía que alguns elementos tinham correspondência real (a empresa Pfizer é alvo do segundo volume), no retrato detalhado de venalidades e hipocrisias políticas que os autores traçam em "Eu, mentiroso" a esmagadora maioria das personagens-chave (de Mariano Rajoy a Pedro Sánchez, passando por Florentino Pérez ou Jean-Claude Juncker) aparecem (muitas) mal disfarçadas, sugerindo que nos volumes anteriores também seria o caso, mas com pessoas menos notórias internacionalmente. Para um leitor externo à realidade espanhola a questão é apenas saber qual a verdade por detrás dos operativos e manobras sujas de bastidores, feitas a mando (ou com a conveniência) de quem supostamente manda (e cuja existência conhecemos). E é por isso que o teor gótico, tão apropriado nos dois volumes anteriores, se revela aqui menos



# no vertiginoso elli

RA

... Rovelli é não apenas  
física na Universidade  
... em Marselha, que  
... a teoria quântica dos  
... a teoria da gravitação  
... a teoria quântica,  
... desaparecido que está  
... um dos físicos mais  
... o globo. A sua obra Sete  
... italiano em 2014, foi um  
... mais de um milhão de  
... português saiu na Objectiva  
...eller. Depois deste livro,  
... obras de Rovelli: A Ordem

sensação de que, através da superfície dos fenómenos, estava a olhar para um interior de estranha beleza; sentia-me aturdido só de pensar que agora tinha de investigar essa nova riqueza de estrutura matemática que a natureza tão generosamente dispunha diante de mim.”

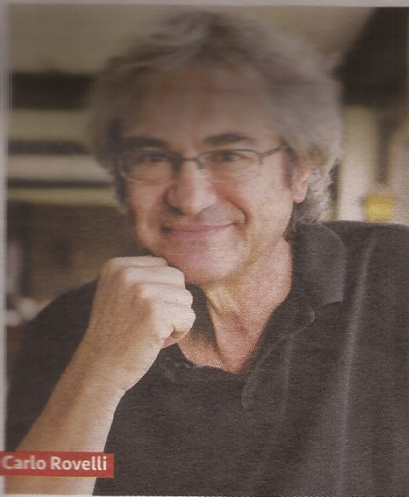
Rovelli diz que essas palavras (mormente “interior de estranha beleza”) “nos arrepiam”. Heisenberg abriu-nos, de facto, um abismo vertiginoso. A teoria quântica, parafraseando Pessoa, “de início estranha-se e depois entranha-se”. É estranha simplesmente porque a Natureza é estranha: ela é como é e não como nós gostaríamos que fosse. Schrödinger tentou atacar a sua própria teoria ao inventar o gato com o seu nome, que está meio vivo meio morto (Rovelli, condescendo do animal, coloca-o antes acordado ou a dormir). Sobre as probabilidades quânticas, Einstein disse que “Deus não joga aos dados” (ao que Bohr ripostou que não cabia a Einstein dizer a Deus o que Ele

devia fazer). Mais perto da atualidade, o físico Richard Feynman disse: “Creio que posso dizer seguramente que ninguém entende a mecânica quântica.”

Rovelli dá-nos conta da sua tentativa de compreender a mecânica quântica, num discurso bastante inteligível. Fala da sobreposição de estados (gato ao mesmo tempo vivo e morto, num estado zombie), do problema da medição (a interferência do observador sobre a coisa observada) e do emaranhamento ou entrelaçamento (a bizarra ligação entre duas partículas que estiveram em contacto). Elabora sobre as implicações filosóficas da teoria quântica: existirá, na escala microscópica, uma realidade objetiva, independente de nós? Existe determinismo ou estamos limitados a fazer previsões probabilísticas? Estarão as partículas do mundo interligados de uma forma holística? É por causa dessas implicações que grupos hippies e New Age ficaram tão fascinados pela teoria quântica (Rovelli conta que já teve farta cabeleira

atada por uma fita, mas nunca foi dado a misticismos). Há várias interpretações da teoria quântica, mas a preferida do autor é a “mecânica quântica relacional”, que enfatiza as relações entre os objetos do mundo e entre estes e o observador. Ele sumaria a sua interpretação dizendo que: 1) se não houver relações não há propriedades; 2) as propriedades são apenas relativas. E pergunta: “É possível que algo seja real em relação a si e não seja real em relação a mim?” Responde que sim.

No Cap. V, Rovelli faz uma incursão histórico-filosófico-política. Conta a polémica entre os russos Vladimir Lenine e Aleksandre Bogdanov, o primeiro materialista e o segundo empirio-criticista (para Lenine e seus apaniguados, o idealismo era uma espécie de insulto, alguns casos mesmo uma sentença de morte). Rovelli está claramente do lado de Bogdanov, a quem agradece no fim. A propósito, ele discute sobre literatura, lembrando o livro do escritor austríaco



Carlo Rovelli

...nho nacional alemão. Foi a  
... que Johann Wolfgang von  
... ilica o infinito fascínio da  
... asamente com a história da  
... Heisenberg (tinha então 23  
... “mecânica de matrizes” por  
... escreve bem as propriedades  
... além das conclusões do



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: TRUST IN NEWS, UNIPESSOAL LDA.

SEDE: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, nº8, 2770-190 Paço de Arcos NIPC: 514674520

GERÊNCIA DA TRUST IN NEWS: Luís Delgado, Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE

PROPRIETÁRIA: 10.000,00 euros

PRINCIPAL AÇIONISTA: Luís Delgado (100%)

PUBLISHER: Mafalda Anjos

**JL**  
JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDATORES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halperin, Luís Ricardo Duarte. COLABORADORES PERMANENTES: Afonso Cruz, Agripina C. Vieira, A. C. Cortez, A. Mega Ferreira, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais, Carlos Reis, Daniel Tércio, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, J. Rego de Almeida, João Gobern, João Ramalho Santos, Lídia Jorge, Mª Emília Brederode Santos, Mª José Rau, Mª Augusta Gonçalves, Miguel Real, Nuno Júdice, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Guinote, Patrícia Portela, Sofia Soromenho, Tiago Patricio, Valter Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques

OUTROS COLABORADORES: A. Laborinho Lúcio, A. Cândido Franco, A. Pedro Pita, A. Sampaio da Nóvoa, Ana Maria Bettencourt, Arnaldo Saraiva, B. Bénard-Guedes, C. Mendes de Sousa, Fernando J. B. Martinho, F. Pinto do Amaral, Gastão Cruz, Filinto Lima, E. Margal Grilo, Graça Morais, Hélio Correia, I. de Loyola Brandão, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Barrento, João Costa, J. A. Cardoso Bernardes, Jorge Fazenda Lourenço, Jorge Vaz de Carvalho, José Luís Pelxoto, José Manuel Castanheira, José Manuel Mendes, José Reis, J. Gomes André, Leonor Xavier, Manuel Alegre, M. Frias Martins, Marcello Duarte Mathias, Manuela Parásio, Mª Alzira Seixo, Mª Fernanda Abreu, Mª Graciete Besse, Mª João Fernandes, Mª Helena Seródio, Mª Irene Ramalho, Mª Luísa R. Ferreira, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, M. Vieira de Carvalho, M. Sanches Neto, Miguel Carvalho, Nélida Piñon, Norberto V. Cardoso, Ondjaki, Pilar del Rio, Ramón Villares, Ricardo Araújo Pereira, Rita Marnoto, R. Miguel Puga, Rui Vieira Nery, Salvato Teles de Menezes, Sérgio C. Sousa, Sérgio Rodrigues, Sofia Soromenho, Teclinda Gersão, Teresa Toldy e Tiago Rodrigues

PAGINAÇÃO: Patrícia Pereira e Raquel Leal

SECRETARIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Gesco

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua da Fonte da Caspolima – Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8 2770-190 Paço de Arcos – Tel.: 218 705 000 Fax: 218 705 001 email: jl@jornaldeletras.pt

Delegação Norte: CEP – Escritórios, Rua Santos Pousada 441-sala 206/208, 4000-486 Porto – Telefone: 220 990 052

MARKETING: Marta Silva Carvalho (diretora) - mscarvalho@trustinnews.pt e Marta Pessanha (gestora de marca) - mpessanha@trustinnews.pt

PUBLICIDADE: Vânia Delgado (Diretora Comercial) vdelgado@trustinnews.pt, Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) mjcosta@trustinnews.pt, Mariana Jesus (gestora de marca) mjesus@trustinnews.pt, Mónica Ferreira (gestora de marca) mferreira@trustinnews.pt, Rita Rosário (gestora de marca) - rrosario@trustinnews.pt, Elisabete Anacléto (Assistente Comercial) eanacleto@visao.pt, Florbela Figueiras (Assistente Comercial) ffigueiras@visao.pt, DELEGACAO PORTO: Margarida Vasconcelos (gestora de marca) mvasconcelos@trustinnews.pt

BRANDED CONTENT: Rita Ibérico Nogueira (Directora) rnogueira@trustinnews.pt

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO: João Mendes (Diretor)

Telf Lisboa – 21870 5000

Telf. Porto – 22 099 0052

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO: Vasco Fernandez (Diretor); Pedro Guilherme (Coordenador de Produção); Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves e Paulo Duarte (Produtores); Isabel Anton (Coordenadora de Circulação)

ASSINATURAS: Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)

SERVIÇO DE APOIO AO ASSINANTE: Tel.: 21 870 50 50 (Dias úteis das 9h às 19h); apoiocliente@trustinnews.pt

IMPRESSÃO: Lisgráfica – Estrada de São Marcos Nº 27 – S. Marcos – 2735-521 Cacém. Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinto do Grajal, Venda Seca, 2739-511 Aqualva-Cacém Tel.: 214 337 000. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt – Tel.: 808 206 545, Fax: 808 206 133

TIRAGEM MÉDIA: 7 100 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766

Depósito Legal nº 127961/98 – ISSN nº 0872-3540

Estatuto editorial disponível em www.visao.sapo.pt/informacaopermanente

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias. Interditada a reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob qualquer forma, e a qualquer título, incluindo comercial.